



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/edidor: Andreas Huyssen	Cód.:
TÍTULO: Miniature Metropolis: Literature in the Age of Photography and Film	Data da ficha: 5 de Abril 2018
Editora: Harvard University Press	
Ano: 2015	
ISBN: 9780674416727	
Páginas: 368	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

No início do século XX a relação entre os vários meios era bastante porosa. A “miniatura”, curto texto literário que aparecia nos folhetins e jornais urbanos da altura, era uma forma híbrida com a qual se tentava capturar a experiência fragmentária e fugaz da cidade. O movimento, a sua súbita suspensão e abrupto recomeço eram aspetos centrais da vida urbana. Com ligações à fotografia instantânea, aos *fait divers* e às notícias de última hora, a miniatura estava em sintonia com os novos meios e o seu público-alvo era uma população apressada e distraída, com preferência por estímulos imediatos e produtos descartáveis. Só mais tarde é que os textos publicados neste formato foram reorganizados e republicados como livros. A miniatura dá-nos acesso ao modo como a literatura se foi transformando por dentro (em resposta aos novos meios e à nova realidade urbana). Já desde o século XIX que os romances eram publicados em série e foi nesse contexto que apareceram formas de escrita como a dos folhetins, colunas de mexericos e artigos de moda. É importante realçar que os textos literários dos folhetins não eram relegados para uma secção específica (como acontece nos suplementos culturais de hoje), aparecendo normalmente ao fundo da página, separados por uma linha do texto noticioso principal. Produto da “urbanização” generalizada da literatura, florescem, nesta altura, modos cinemáticos de escrita, caracterizados por cortes abruptos e pelo uso da montagem e dos close-ups. As miniaturas evitam a descrição realista, as narrativas e o desenvolvimento psicológico das personagens. Privilegiam o sonho, as alucinações, visões interiores e memórias fugazes. As cidades tornam-se

“laboratórios da percepção”. A compressão do tempo e do espaço, como nos diz David Harvey, é acompanhada pela expansão do mundo interior.

Huysmans diz-nos que o que aconteceu nesta altura à literatura não deve ser visto com um processo de hibridização, visto que havia demarcações claras entre os diferentes meios. Fala-nos antes em “especificidade diferencial”. A miniatura não tentava imitar a fotografia ou o cinema; a ideia era pensar e negociar as vantagens e deficiências destes dois meios. A miniatura nunca se rendeu à “crise da linguagem”, tema central do modernismo. Os autores associados ao género queriam, pelo contrário, explorar aquilo que a literatura podia fazer que fosse diferente (ou melhor) que a fotografia e o cinema. McLuhan, a propósito da “remediação”, dizia-nos que um meio está sempre condenado a torna-se no conteúdo do meio que o substituiu (por exemplo, o retrato torna-se no conteúdo da fotografia). Hoje sabemos este vetor de progresso não é linear nem unidirecional. Os velhos meios adaptam-se aos novos: por exemplo, o romance modernista adota técnicas cinematográficas e a prosa contemporânea celebra o hipertexto.

1.2. Palavras-chave:

Cinema; Fotografia; Novos Média; Modernismo;

Grupo Transmedialidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Huysen, Andreas (2015), *Miniature Metropolis*. Harvard UP.